



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ELIZABETE REGINA PILGER

**DESEJOS E DESAFIOS: O OLHAR SOBRE A
SEXUALIDADE FEMININA**

ARIQUEMES – RO

2014

ELIZABETE REGINA PILGER

**DESEJOS E DESAFIOS: O OLHAR SOBRE A
SEXUALIDADE FEMININA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel.

Profª Orientadora: Ms. Carla Patrícia Rambo

ARIQUEMES - RO

2014

Elizabete Regina Pilger

**DESEJOS E DESAFIOS: O OLHAR SOBRE A
SEXUALIDADE FEMININA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Ms.Carla Patrícia Rambo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof^a. Dr^a Rosani Aparecida Alves Ribeiro de Souza
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof^a. Dr^a Maila Beatriz Goellner
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 12 de novembro de 2014.

Dedico primeiramente a Deus, pelas vitórias. A minha mãe, irmã e madrinha, pelo apoio que sempre me deram, pela paciência durante toda a trajetória e concretização deste trabalho.
Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder a vida, a saúde, a paz, a união e a harmonia em todos os dias da minha vida. Agradeço também por em um determinado momento ter me impedido de continuar a minha trajetória na faculdade, pois se não tivesse havido esta interrupção eu não teria conhecido a turma que hoje faço parte e amo.

O início foi difícil, tantas pessoas novas, cada uma delas já tinha um lugar, um grupo e eu ali me sentindo uma estranha. Muitas vezes, pensei em desistir, mas com o passar do tempo, fui percebendo o quanto todos se tornavam especiais na minha trajetória. Aqui passei muitos dos melhores momentos da minha vida.

Só tenho a agradecer por todos os momentos felizes e também os momentos tristes que passei com meus amigos, pois através deles aprendi muitas coisas. Mas o que seriam de nossos momentos felizes se não existissem os tristes? Eles, simplesmente, não teriam significado algum.

Estive com uma turma maravilhosa ao meu lado nas horas que chorei, que sorri, que lamentei e também nas horas que de uma forma ou de outra demonstrei êxtase total de alegria.

Agradeço e muito pelos sorrisos diários. Que todos possam perdoar as falhas e os pontos de vistas uns dos outros em momentos em que só esperávamos ser acolhidos, mas, mesmo assim é bom saber que temos amigos em quem podemos confiar. Pessoas que nos apoiam e nos acolhem com carinho em nossos momentos difíceis, assim percorremos juntos quatro anos das nossas vidas, meus amigos sempre farão parte da minha história!

Hoje, a pouco tempo da finalização de uma caminhada paro, reflito, quantas pessoas perdemos nesta trajetória e quantas pessoas ganhamos, e o quanto crescemos, amadurecemos, vivenciamos a dor do outro, precisei me esforçar para chegar até aqui. Acredito que não há conquistas sem esforços, e é através desse esforço que estamos aqui, que chegamos a tão sonhada formação.

Apesar da despedida, não diremos adeus e sim até breve, aqui fizemos amigos verdadeiros, que possamos lembrar todos os bons momentos que vivemos, as alegrias, o sufoco o cansaço dos trabalhos divididos, dos momentos em que pensamos em desistir. Mas desistir de quem? De nós mesmos? Como? Por quê? Foram inúmeros os questionamentos nos momentos de fraqueza, momentos em que

não estávamos sozinhos, pois sempre tínhamos uma palavra amiga de conforto e esperança, não deixando que o outro fraquejasse.

Prof^a. Ms. e Coordenadora Carla Patrícia Rambo a quem expressei maior agradecimento na minha trajetória, pois foi quem me deu a oportunidade de conhecer uma abordagem a ser seguida, e também vivenciá-la a cada dia a cada supervisão a cada momento que passei ao seu lado. Você entrou na minha vida a pouco tempo da finalização do curso. Desejo de todo o meu coração que você levando a todos que tiverem a oportunidade de conviver com você essa magia e encantamento a quem te escuta, compreendes e acolhe em todos os momentos, mesmo quando há resistência em falar, você com seu jeitinho extrai da gente o que é preciso extrair.

Agradeço pela orientação neste trabalho, pela paciência quando eu a sufocava com a minha ansiedade. Pela delicadeza e sutileza de não me mandar sumir, pois sei que eu não fui fácil neste momento, mas graças a sua dedicação, inteligência e competência estou aqui fazendo meus agradecimentos do TCC, isso devo a você.

Quero agradecer também a colaboração das Prof^a Dr^a Rosani Alves e Prof^a Dr^a Maila Beatriz pelas considerações feitas em meu trabalho, nas quais acrescentaram significativamente ao meu desenvolvimento, meu muitíssimo obrigado às duas.

Ao Prof.^o Roberson Geovani Casarin, que com sua capacidade e empenho de coordenar por um determinado tempo o Curso de Psicologia, sempre esteve disposto a atender de maneira que ninguém fosse prejudicado, me proporcionou chegar até aqui.

Meu agradecimento maior a minha família, família essa que eu não seria nada sem ela.

Primeiramente a minha mãe, falar dela é falar do meu ponto mais forte, meu porto seguro, minha base, meu alicerce, meu tudo.

Agradeço a minha mãe por estar sempre ao meu lado, mesmo quando sabia que eu cometia erros. Pelos abraços, por enxugar minhas lágrimas quando eu achava quando tudo estava perdido, por me mostrar que não deveria desistir dos meus sonhos, até mesmo quando eu mesma já havia desistido. Obrigado por me ajudar nesta caminhada obrigada, pela paciência e preocupação durante a concretização do meu trabalho, obrigada por acreditar em mim, sempre.

Agradecer a minha irmã seria repetir tudo que falei sobre minha mãe, pois estamos sempre juntas nos momentos de alegrias e tristezas. Mas agradeço a ela por ser

amiga e companheira, pela paciência, pela atenção, pela compreensão a minha ausência, pela força que juntamente com nossa mãe, vocês me deram durante toda essa trajetória.

Agradeço ao meu pai, mesmo que ele parecesse ausente, mas por estar ali do meu lado, Por se preocupar nos momentos dos meus choros, e quiseres saber o que estava se passando comigo, o aconchego das suas palavras me dizendo que estava ali para me ajudar se eu precisasse.

A minha irmãzinha que por muitas vezes me fez companhia, nos momentos em que ela se via sem opção para estar um pouco comigo, quando eu não conseguia lhe dar atenção que desejava, permanecendo ao meu lado e muitas vezes repetindo todos os meus atos. Mas sempre ao meu lado.

A minha sobrinha que por inúmeras vezes fez aquele almoço gostoso e também as coisas que eram minhas obrigações, para que eu pudesse realizar meu trabalho.

Ao meu irmão por fazer parte da minha vida.

A todos meus familiares e amigos que de alguma forma me apoiaram, contribuíram e torceram pela concretização deste trabalho.

Expresso meus agradecimentos aos professores, mestres e doutores que me repassaram seus conhecimentos e extraordinários exemplos, contribuindo para que meu desenvolvimento fosse o melhor possível e a partir de agora essenciais em minha caminhada pessoal e profissional.

Quando a gente pensa que é forte o bastante conseguem nos emocionar o suficiente para nos fazer perder o controle de nossas emoções, surge o final de trajetória da faculdade para nos provar ao contrário, como descrever? É um misto de sensações, mas que estou maravilhada por poder estar vivenciado cada uma delas, menos a do luto, da perda da turma, dos ensinamentos, de se sentir seguro e amparado. Mas sei também, que não estou perdendo para sempre, tudo o que conquistei.

[...] não pergunte o que realmente sou;
qual o meu verdadeiro eu; o que de
essencial existe em mim. Pergunte como
posso redescrever-me, de maneira a viver
uma vida melhor ou mais bela. (RORTY,
apud COSTA, 1994, p. 21).

RESUMO

Este estudo, de cunho bibliográfico, parte da concepção de que a sexualidade na contemporaneidade é fruto constitutivo das mudanças sociais, políticas e econômicas decorrentes das transformações ocorridas no percurso histórico da humanidade. O presente estudo propõe-se a compreender os desejos e desafios da sexualidade feminina na contemporaneidade. Visando um breve percurso histórico da mulher, busca-se compreender a construção da identidade, do gênero e assim da subjetividade feminina. Os desejos produzidos através do sexo e sexualidade e os desafios da Psicologia acerca desse ensejo também são alvo de discussões neste estudo. Conclui-se diante de todo o exposto que a mulher já conquistou inúmeros direitos sobre a igualdade tão desejada, mas que ainda questiona-se se essa mulher de hoje já consegue defender o que se refere aos seus desejos mais íntimos, reconhecendo que ainda existem mulheres que mesmo gozando do outro se faz objeto ao gozo, desejo e prazer do outro, esquecendo-se dos seus direitos já conquistados, poder de requerer o desejo e acima de tudo o prazer, que por muito tempo foi anulado. A Psicologia se vê desafiada a buscar uma visão mais ampla as novas mudanças sociais, pois a Psicologia implica em compreender como as relações de poder podem construir novos indivíduos.

Palavras-chave: Psicologia; Sexo; Mulher; Sexualidade Feminina.

ABSTRACT

This study, with bibliographic imprint, comes from a conception that sexuality in the contemporaneity is a constitutive social, policy and economic changes' fruit resulting from changes occurred during the humanity historical way. The present study propose to understand the woman sexyality's wishes and challenges in the contemporaneity. Looking for a brief historical route of the woman, it seeks to understand the female identity, gender, and the subjectivity's construction. The wishes produced through sex and sexuality and the psychology's challenges about these opportunity are also discussions target in this survey. It is concluded that in face of everything exposed the woman has conquered many rights about the so expected equality, but it's still wondered if the today's woman can already defend what refers to her intimate wishes, it is recognized that there are women that even enjoying the other, makes object to the enjoyment, wishes and pleasure of the other, forgetting about her conquered desires, power to require the wish and above all the pleasure, everything that for a long time was cancelled. The Psychology is challenged to look for a wide view and new social changes, because the psychology implies to understand how the power relations construct new individuals.

Key words: Psychology, Sex; Woman; Sexuality Female.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CFP	Conselho Federal de Psicologia
EUA	Estados Unidos da América
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
REDEPSI	Portal de Psicologia
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 METODOLOGIA	15
4 REVISÃO DE LITERATURA	16
4.1 A MULHER: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	16
4.2 GÊNERO E SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA	24
4.3 SEXO E SEXUALIDADE: DESEJOS PRODUZIDOS	27
4.4 OS DESAFIOS DA PSICOLOGIA ACERCA DO DESEJO.....	34
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Este estudo parte da concepção de que a sexualidade na contemporaneidade é fruto constitutivo das mudanças sociais, políticas e econômicas decorrentes das transformações ocorridas no percurso histórico da humanidade. Em alguns períodos históricos, os questionamentos e as explicações sobre sexo e sexualidade não existiam no âmbito familiar, social e religioso, pois esses conteúdos não eram tratados o quanto que se faziam necessários, e eram caracterizados pelas gerações anteriores, que normalmente repassavam o que consideravam essencial saberem e nada, além disso.

Essas mudanças possibilitaram com que as mulheres buscassem e defendessem seus pontos de vista sobre suas crenças, valores e costumes, buscando argumentos para fundamentar suas razões. Entende-se que o percurso histórico foi partidário as mulheres, visto que houve movimentos que possibilitaram com que as mulheres tivessem o direito de voz e vez, em uma sociedade até então machista.

O interesse pelo tema surgiu através da curiosidade em compreender se as mulheres da atualidade reconhecem o prazer, se há respeito de sua parte pelos seus próprios desejos, pois sabemos que a mulher da atualidade vem durante séculos buscando seu reconhecimento por parte da sociedade, mas será que ela se reconhece? Para responder a esta inquietação, objetiva-se neste estudo compreender os desejos e desafios da sexualidade feminina na contemporaneidade.

Destarte, no primeiro capítulo intitulado: “A MULHER E SUA SEXUALIDADE: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO” buscou-se, sucintamente, relatar como era vista a mulher perante o percurso histórico da humanidade, especificamente as relações estabelecidas e seus engendramentos com a sexualidade, abarcando as lutas pela evolução da sexualidade da mulher em meio uma sociedade coercitiva.

No segundo capítulo: “GÊNERO E SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA” procurou-se mostrar como tem sido a construção desta identidade e, portanto se fez necessário trazer este conceito, ou discussões que clarificassem a identidade, o gênero e subjetividade, que tem se constituído a partir do processo sócio-histórico-cultural.

No terceiro capítulo: “SEXO E SEXUALIDADE: DESEJOS PRODUZIDOS”

Pretendeu-se, demonstrar a evolução da mulher perante a história, como suas conquistas em relação aos próprios desejos.

No quarto e último capítulo: “OS DESAFIOS DA PSICOLOGIA ACERCA DO DESEJO” discorreu-se-à sobre a ampliação do campo teórico da Psicologia através das discussões no bojo da ciência psicológica a respeito dessa temática, diante ainda de inúmeros desejos e desafios que ainda estão presentes.

É diante desta realidade que o estudo tende contribuir para uma promoção de saúde da área da psicologia, pois ao desenvolver o tema nos tornamos agentes multiplicadores para as diversas áreas afins. Acredita-se que tais resultados imprimem um novo convite prático e teórico para o psicólogo que veio a integrar a equipe de saúde.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os desejos e desafios da sexualidade feminina na contemporaneidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Compreender a mulher e sua sexualidade em um percurso histórico;
- ✓ Evidenciar através da contemporaneidade a construção da identidade e subjetividade feminina;
- ✓ Discutir a implicação da Psicologia para uma promoção de saúde acerca dos desejos e desafios da sexualidade feminina.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracterizou-se por ser de caráter bibliográfico que segundo Gil (2002), contribui ao retratar a importância do levantamento literário. Para o autor a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, colocando em contato com matérias já publicadas trazendo uma maior compreensão do assunto.

Os indexadores utilizados foram Psicologia, identidade, gênero, subjetividade, sexo, sexualidade, mulher e contemporaneidade. Para Gil (2002) a principal vantagem de utilizar a pesquisa bibliográfica como método de pesquisa permeia no fato dela permitir ao pesquisador uma ampla cobertura de fenômenos, muito mais abrangente do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem, apontada pelo autor, de extrema importância quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

E por entender que a temática deste estudo requer uma vasta gama de conhecimento e saber científico, entende-se que ter como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica abrange-se melhor para presente estudo.

Dessa forma, optou-se por utilizar bases de dados eletrônicas, tais como: Scielo Brasil, Biblioteca Virtual de Saúde – BVS, Redpsi e PEPSIC. E acervos da biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, bem como livros próprios e disponibilizados por terceiros.

Todos os materiais lidos totalizam 74 artigos científicos e 9 livros, perfazendo 83 conteúdos ao todo. Sendo que 39 artigos das bases já citadas, foram utilizados e 9 livros, para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A MULHER: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Este capítulo traz algumas considerações sobre a sexualidade da mulher na contemporaneidade. Para tanto se faz necessário reportar ao percurso histórico da humanidade, pois desde o século XVI a mulher vem buscando ganhar espaço e reconhecimento o que ela ainda continua a buscar. No entanto, faz-se necessário adentrar nas profundezas históricas onde é possível visualizar os comportamentos, pensamentos e atitudes destinados as mulheres e a elas conferidos.

Na época da antiga Roma, no século IX a.C, só se reconhecia apenas um sexo, nesta época era apenas considerado cidadão, os seres humanos do sexo masculino. As de sexo feminino ficavam em um segundo plano, as mulheres, não obstante as crianças, os escravos, e os estrangeiros também eram renegados. Neste período histórico, a única função da mulher era a reprodução. Por não ser reconhecida como cidadã, não havia necessidade de que ela tivesse instruções, com isso, não tinha direitos, apenas deveres. O desprezo pela mulher era tanto que mesmo que seu esposo praticasse o sexo com outra não se considerava traição, pois, tinha o seu prazer completamente desprezado só servia como objeto de prazer. A noção de amor era totalmente desconhecida, já que se acreditava que o amor aprisionava o espírito. Ainda, acreditava-se que se houvesse prazer sexual com a esposa, corromperia a reprodução. (CRUZ, 2013).

Demétrio (2008) ressalta que nas sociedades hierárquicas e de classe, as mulheres que se mantinham castas até o casamento, eram resguardadas para tomar conta de casa e para a procriação. Sendo que, o desejo o erotismo e o prazer na relação sexual se limitavam aos homens com prostitutas, mulheres que não serviam para casar e procriar, apenas para o prazer. Pois se sabia que o orgasmo feminino não era necessário para que houvesse a ovulação e a fecundação.

Já no século XVI, se seguia como em cada século seus protótipos, que se era imposto, principalmente em relação às questões sexuais. (GEZONI, 2011).

No decorrer deste século a maioria das mulheres era analfabeta, pois a educação acontecia em casa e não havia escolas para meninas. Stamatto (2012). A ausência de ensino para elas foi arrastada do século XVI ao XVII, quando foram criados os conventos. Estes trouxeram um pouco de ensino às mulheres, mesmo passando pouco tempo estudando, saíam sabendo ler e escrever, mesmo que de maneira precária, pois essa educação era voltada para a vida religiosa como retrata Oliveira (2009).

No século XVII, as mulheres eram formadas recebendo em casa uma orientação voltada aos costumes morais e de valorização da sociedade. Na qual o objetivo era formar mulheres para administrarem seus lares, filhos e esposo. Assim como Oliveira (2009) também concorda e ainda acrescenta que as meninas não recebiam nenhum outro tipo de educação.

[...] as mulheres tinham “a imagem da mãe-esposa-dona-de-casa” como a principal e mais importante função que correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. (MALUF; MOTT; 1998, p. 05).

Ainda no século XVII, só era reconhecido o sexo o masculino. A mulher como menos desenvolvida em uma escala de perfeição era vista como inferior. (SILVA, et al., 2005).

Oliveira (2009) complementa ao retratar que nesta época a sexualidade era reprimida e representada com pudores em relação ao corpo e as práticas sexuais inclusive no matrimônio. O que acabava por lembrar a época das penitências dos religiosos ao rejeitar o corpo.

Já no século XVIII, de acordo com Vieira (2005), o discurso sobre sexo e sexualidade, era restrito somente à igreja. O cristianismo foi o mais repressivo da história da humanidade sendo o mais longo e terrível de todos os séculos, que permaneceu por catorze séculos se findando no século XVIII, sexualidade, o prazer, a vivência sensual, a vivência lúdica e a espontaneidade das emoções foram as mais reprimidas na época. (PIVATTO, 2006).

E isso ocorreu no decorrer da história, pois, a existência da sexualidade e o termo sexualidade eram expostos a diferentes sentidos, para o cristianismo. Dessa forma,

O Cristianismo construiu-se uma moralidade permanente mantendo a castidade ou o casamento reforçando a recusa do prazer sexual, reduzindo assim as práticas sexuais para limites estreitos dos interesses procriadores. (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011, p. 95).

Já no século XIX, a Medicina, a Biologia, a Psiquiatria e outras áreas começaram a preocupar-se com o sexo, partindo daí novos conceitos sobre a imagem da mulher. Nesta época a construção social da mulher proibia certas palavras relativas ao sexo e aos seus órgãos sexuais. Pivatto (2006) também contribuiu trazendo que a Igreja Católica Apostólica Romana pregava que as mulheres deveriam seguir o exemplo da Virgem Maria Mãe de Jesus e se manterem castas.

E é interessante salientar que na época a repressão sobre essas mulheres era exercida em nome de um símbolo de onipotência.

[...] os colonizadores trouxeram consigo, o modelo patriarcal de família e a Igreja Católica como força política e instrumento de controle social, tendo como resultado, o patriarcalismo e conservadorismo da sociedade brasileira. (PEDRO; GUEDES, 2010. p. 06)

Não obstante a Igreja, mantém até hoje certa “dificuldade” para falar e debater, com liberdade os problemas da subjetividade e da sexualidade, mesmo sabendo que ela é a que mais influenciou e que continua a influenciar no desenvolvimento da sexualidade feminina. O que pode ser evidenciado no momento em que,

[...] uma distinção entre as formas de expressões sexuais legítimas e ilegítimas que é organizada em torno de três noções interligadas: casamento, monogamia, e procriação. A conduta que combina com sucesso esses três elementos é compreendida como legítima e aceitam dentro da visão católica do mundo. O comportamento que não consegue unir esses três elementos fica fora dos limites da legitimidade e da virtude. É aqui que normalmente entra em jogo a noção de pecado [...]. (PARKER, 1996 apud FIGUEIRÓ, 2009, p.116).

E foi a partir do final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, que estudos sobre a sexualidade começaram a ganhar força para ser institucionalizados e elevados à categoria de “saber científico” (FIGUEIRÓ, 2009).

Prado (2010) retrata que no século XIX no dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez

horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano.

Por causa do tamanho da seriedade do ocorrido, as mulheres acabaram ganhando um reconhecimento tão grandioso, que as mesmas passaram há ter um dia somente delas. (Borges, Alvim e Cajazeiro; p. 05. 2010) “Durante uma conferência na Dinamarca em 1910, ficou decidido que o dia 8 de março passaria a ser o Dia Internacional da Mulher, em homenagem às mulheres que morreram na fábrica em 1857”.

O Dia 8 de março foi um marco definitivo da força feminina, pois no ano de 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou a data através de um decreto e, de lá para cá, passou a ser realizadas conferências, debates e reuniões no dia 8 de março na maioria dos países, com o objetivo de discutir o papel da mulher na sociedade atual e num esforço conjunto tentar diminuir e, quem sabe, extinguir o preconceito e a desvalorização da mulher no mundo.

No Brasil, a luta feminista conquista manifestação expressiva no Ano Internacional da Mulher, comemorado em 1975 e que refletiu de forma positiva no movimento de mulheres, instaurando definitivamente o 8 de março como data integrante da agenda de luta dos movimentos sociais e organizações de trabalhadores do país. A partir de então, grupos e entidades feministas se organizaram ou ganharam força para encaminhar as atividades. (BORGES; ALVIM; CAJAZEIRO; 2010, p. 6).

Até o século XX, o Cristianismo ainda contribuía para manter fixa essa moral. Entretanto, esse costume coercitivo e silencioso da sexualidade só durou até que Freud, ainda no século XX, abriu “novas perspectivas para o estudo das pulsões sexuais” que com a ajuda da Medicina, conseguiu se livrar das limitações impostas pelo moralismo cristão. (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

E foi no início do século XX que as mulheres também buscaram mais a liberdade de expressão. Souza (2004) explicita ao retratar que:

[...] as mulheres foram as mais contestadoras e desafiantes. Os movimentos femininos e feministas são os subversivos por excelência, já que põem o dedo na mais antiga das dominações, a patriarcal. Num primeiro momento,

através das sufragistas, exigiram principalmente igualdade de direitos. Frequentemente, o dominado, para achar espaço, tem de igualar-se e seguir o modelo do dominador. Igualdade sim, mas com direito à diferença, foram descobrindo, sem precisar copiar e repetir o mundo masculino. (SOUZA, 2004, p. 89).

Borges, Alvim e Cajazeiro (2010) relatam que na década de 30 a mulher conseguiu o direito de voto, já nas de 40 e 50 foi quando a mulher começou a deixar os trabalhos domésticos, mas a efervescência por essas lutas ficaram marcadas mesmo pela década de 60, quando conquistou seu espaço público e político, fortalecendo sua emancipação na época. Pedro e Guedes (2010) também concordam e ainda contribuem ressaltando que nesta década as primeiras organizações feministas, ainda traziam consigo os modos conservadores, pois elas ainda só buscavam igualdade no mercado de trabalho, rejeitando ainda a sua própria liberdade sexual.

Outro grande marco da luta das mulheres foi a revolução feminista que ficou conhecida como a queima os sutiãs que aconteceu na década de 60 que era pela busca pela liberdade de uma cultura machista que existia durante séculos, que aconteceu nos EUA, onde as mulheres pretendiam queimar não somente os sutiãs, mas também maquiagens, e outras coisas que atribuíam a questão da beleza durante um concurso de Miss. E mesmo não ocorrendo à queima durante o evento, a mídia ajudou fazendo com que se repercutisse em nível mundial esse marco. “Esse evento trouxe uma grande reflexão em relação à questão de gênero, esta ação representou uma grande abertura para a liberdade feminina”. (PEDRO E GUEDES, 2010. p. 06).

A mulher passa a ter autonomia parcial sobre seu corpo, pois com a Lei 4121/62 não seria mais necessária à autorização do marido para que a mulher trabalhasse fora de casa, pois até então essa atitude patriarcal era vigente no Brasil. Com a instituição do Estatuto da Mulher, nos anos 60, essa prerrogativa machista deixou de existir.

Demetrio (2008) ressalva que houve grandes mudanças a partir da segunda metade do século XX, com a invenção do método anticoncepcional que aconteceu por volta dos anos 60 e 70 do século passado, que proporcionou às mulheres a busca pelo prazer no sexo, sem a necessidade da reprodução, possibilitando a prática do sexo fora do casamento.

Contudo, neste século, houve uma grande mudança nos paradigmas de algumas práticas sexuais, como o sexo oral e o sexo anal, que passaram a ser recomendados pelos sexólogos como formas saudáveis de uma sexualidade “normal”.

Entrada no mundo do trabalho, direito ao voto, mudança de comportamento, pílula anticoncepcional, liberdade sexual e afetiva, divórcio, luta por melhores salários e por igualdade de direitos. Tudo isso começou há cem anos pelas mãos das primeiras feministas que lideraram greves, revoltas e desafiaram a sociedade. Com um histórico de lutas e conquistas, um dos movimentos sociais mais importantes do século 20, o feminismo, ainda continua necessário e atual. (BORGES; ALVIM; CAJAZEIRO, 2010, p.7).

Barsted e Pitanguy (2010) também afirma a ideia de Demetrio (2008), ao falar: “A longa história das mulheres brasileiras, lutando por direitos humanos, sexuais e reprodutivos e pela eliminação da violência contra as mulheres”. (BARSTED E PITANGUY, p.09, 2010).

As mulheres lideraram a luta pela igualdade de direitos. Se fortalecendo, ainda mais, na década de 70, com os movimentos sexistas (das mulheres contra os homens) e legalistas (que lutavam por direitos no campo jurídico). Porém, a compreensão de que só existiria a igualdade se houvesse a transformação da sociedade, que se deu na década de 80.

O grande avanço nos anos 80 foi fazer com que o Estado assumisse algumas reivindicações das mulheres como as delegacias da mulher, os conselhos estaduais da mulher, o programa pós-parto, a licença maternidade e paternidade. (BORGES; ALVIM; CAJAZEIRO; 2010 p. 8).

O que foi retratado aqui, pois durante décadas as mulheres estiveram nas lutas sociais em todo o mundo buscando o reconhecimento de igualdade, dos direitos sociais entre inúmeras outras questões, porém necessita ressaltar que essa busca ainda não chegou ao fim, pois as mulheres ainda sofrem com preconceitos pelas condições que estão cristalizadas em meio à sociedade.

Outro fato marcante na história da mulher foi o dia 07 de agosto de 2006, data em que foi sancionada pelo ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva a Lei Maria da Penha nº 11.340, como resultado da grande luta pelos direitos da mulher, garantindo o direito de ser respeitada dentro de casa, para que não sofra violência por parte de seu marido ou companheiro. Com esta Lei, o Brasil passou a coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

As mulheres vêm se destacando cada vez mais na educação, na política, cultura, esporte, economia e na Igreja. Mesmo em meio a esse processo de conquistas e transformações, as mulheres não deixaram de cultivar seu lado de esposa, mãe e dona-de-casa. São femininas, delicadas, sonhadoras, charmosas, batalhadoras, guerreiras e sensíveis. Apesar de constatar um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, neste início de século, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens. Estes continuam tendo maior acesso à educação e a empregos bem remunerados. A isso soma-se também a violência física e psicológica contra a mulher, fenômeno que continua a fazer parte do cotidiano da vida moderna. (BORGES, ALVIM E CAJAZEIRO; 2010).

Outro marco importantíssimo no Brasil foi no ano de 2010 termos duas mulheres candidatas à Presidência da República do Brasil sendo que uma foi vencedora em dois mandatos consecutivos como Presidente do Brasil, concretizando exemplo para as mulheres que continuam a batalha pela igualdade de gênero.

[...] Em um país em que uma mulher nunca esteve tão perto do mais alto posto de poder, essas eleições já representam um avanço histórico. [...] Dilma Rousseff tende a vencer a eleição, e ainda no primeiro turno, uma das eleições mais femininas da história. (BORGES, ALVIM E CAJAZEIRO, 2010, p. 19).

Ainda Figueiró (2009) retrata que nas últimas décadas no Brasil têm sido produzidas várias práticas feministas, mas se não forem evidenciadas e analisadas numa perspectiva crítica adequada podem passar despercebidas.

Os movimentos progressistas no Brasil sempre levantaram as bandeiras da participação da mulher e do respeito à diversidade de credo, cor, gênero e opção sexual. (BORGES; ALVIM; CAJAZEIRO; 2010, p.19).

Pedro e Guedes (2010) concluíram que estas revoluções feministas não se tratam somente pela busca de uma igualdade política e econômica, mas, também de liberdade, para uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminatórias.

Com todas as transformações ocorridas como marcos históricos da mulher, pode-se pensar que as alterações ocorridas em suas funções estão também vinculadas aos meios sócio-histórico-cultural, que contribuíram tanto para a

formação, quanto para as mudanças, com a emancipação na sociedade, gerando mudanças no cotidiano, enfrentando mudanças radicais, quanto a sua sexualidade das demandas sociais, de um "eu" ideal, pois a sociedade exige imagem-modelo proposta por ideologias, sejam elas, sociais, política ou psicológica. (Paravidini et al., 2008). Com isso, faz-se necessário trazer as questões do próximo capítulo.

4.2 GÊNERO E SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Ao falar em identidade gênero e subjetividade imagina-se algo particular, concreto e imutável, mas não, pois, tudo isso é construído a partir do sócio-histórico-cultural. Este capítulo discorre sobre como se constrói essa identidade, gênero e subjetividade.

Inicialmente, acredita-se que seja necessário trazer à luz o conceito, ou as discussões que clarificam a identidade para adentrarmos no campo da discussão.

Jacques et al., (2009) diz que nome, pronome e outras predicções são entendidas como identidade no papel social, no que se refere ao que tu és.

A identidade feminina teve uma profunda alteração, cuja, a sua importância é o construir-se, mas que ainda os momentos históricos se fazem presentes, pelas vivências culturais que permite a construção social da subjetividade da mulher, pois cada época a seu modo influência na forma de agir e pensar. (Vieira, 2005). Assim, lembrando que essa mulher não é construída por um modo particular, e sim, por inúmeros momentos discursivos na vida dela. A identidade é inconstante por natureza.

A identidade do sujeito, homem ou mulher, não pode ser vista exclusivamente como a propriedade de um ser centrado e com limites predefinidos pelo gênero, que se revelam a si próprios na história. (VIEIRA, 2005, p. 214).

As mulheres podem aprender formas menos ortodoxas dos comportamentos sociais, desde que o contexto sociocultural lhes permita ter esta aprendizagem. Para entendermos como se constitui a identidade e a prática sexual e de gênero, é adequado pensar o poder como conquistado, em vez de lidar com uma noção de

poder meramente repressivo. A dinâmica do poder entre os gêneros e as sexualidades é muitas vezes sutil, insinuante e exercida com uma cautela quase imperceptível, como diz Vieira (2005).

Faz-se necessário nesse momento, discutir gênero. Gênero é visto como a soma das características psicossociais consideradas adequadas a cada grupo sexual, sendo a identidade de gênero o conjunto destas expectativas, internalizado pelo indivíduo em resposta aos estímulos biológicos e sociais. A construção de identidade e de gênero é visto atualmente como um conjunto de atitudes, crenças e estereótipos do indivíduo. (D'AMORIM, 1997).

Pensando nisso, Santos (2011), fala sobre um modelo na construção de gênero leva-se em conta que se rompe a questão do biológico e inclui o social e cultural, pois a identidade que se prende ao biológico não inclui o social e o cultural. Lembrando que a identidade para ser construída utiliza-se da comparação com outro biológico e cultural, podendo ser do mesmo sexo ou não.

Uma frase que clarifica muitos sobre esta questão de gênero, pois, ninguém nasce mulher e obrigatoriamente torna-se mulher, nem nasce homem e torna-se homem. Dessa forma, de acordo com Santos (2011), os gêneros envolvem dois conceitos: o biológico sexual que não compreende o comportamento entre feminino e masculino e a questão de poder que é desigual entre os sexos impostos pela sociedade.

Quando se fala de gênero, normalmente pode ser confundido com sexo, pois, ambas são sucintamente diferentes, mas há uma diferença, pois as relações de gênero presentes implicam que o órgão sexual determina as funções sociais. Sendo assim, a sociedade delimita com muita precisão a construção de uma identidade social, através dos papéis impostos a homens e a mulheres. (PEDRO E GUEDES, 2010).

Ainda, os autores ressaltam que diante das inúmeras lutas das mulheres uma delas foi à reivindicação da construção e afirmação do próprio conceito de gênero. Pois, cada sociedade emprega seus conceitos de comportamentos considerados adequados às mulheres, sendo as mulheres o sexo frágil, sensível, procriadora e do lar ao contrário aos homens que são exigidas características de protetor, responsável e insensível.

Portanto, diante destas questões, se faz necessário adentrarmos aqui em uma discussão na questão de separar a identidade, de gênero e da sexualidade,

que são apontadas pela escolha do objeto de desejo, pois, o conceito de gênero está totalmente ligado à sexualidade. (GROSSI, 2012).

Onde podemos ver a partir desse conceito de gênero, o quanto a mulher está em desigualdade em relação ao homem, até mesmo porque as atribuições afirmam que os homens tem poder sobre as mulheres. E que são definidas pelos diversos tipos de cultura e impostas por cada sociedade. (PEDRO E GUEDES, 2010).

Grossi (2012) também concorda com os autores acima citados que a sociedade emprega seus próprios conceitos sobre os comportamentos das mulheres e homens. Dizendo:

[...] não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos usadas nos exemplos mais corriqueiros, como "mulher não pode levantar peso" ou "homem não tem jeito para cuidar de criança. (GROSSI, 2012, p. 4).

Paulon (2008) também traz essa visão de que é nas relações sociais que se determina o corpo, mas não é o que define alguém como ser homem, ou ser mulher, isso consiste em se descobrir, pois a sexualidade não mostrar-se através da oposição social ou de lei e sim em meio ao desejo, o que interfere na construção da subjetividade de cada pessoa.

Dias (2007) fala que a diferença física dos sexos faz com que haja um confronto no desenvolvimento da subjetividade. Pois, quando falamos em subjetividade, falamos também do sócio-cultural, pois, afetam diretamente nos aspectos não só de gênero, mas também na formação da subjetividade. Com o ganho dos direitos as mulheres também alcançaram os preconceitos que prevaleciam enraizados nas sociedades. Porém, certos limites advêm impostos por elas mesmas, pois, ainda hoje reproduzem atitudes e comportamentos de longo prazo, permitindo que as sociedades contemporâneas tenham dificuldades para lidarem com um rompimento desses anos de exclusão. Não há como criar um protótipo de mulher de cada época e ignorar a complexidade que abarca a subjetivação de uma sociedade. Nesse sentido, existem formas de expressão que se baseiam e se limitam nas relações de poder que as sociedades constituem. No entanto, quando compreendida como uma constituição de si pode ser elaborada uma subjetiva singular e que se distancia dos estereótipos impostos a uma mulher pela sua sociedade. Desde que se encontre algo que comprove para si que o

caminho percorrido mesmo que diferente e singular, traga sentido a vida. Mesmo que os controles internos e externos sobre os corpos e mentes das mulheres forem considerados incapazes e pecadoras dentro dos moldes de uma sociedade, pode-se buscar o devir, assim como aponta Joviano (2010). Dessa forma, na contemporaneidade a sexualidade vem sendo compreendida como funções psicossociais, pois são afetadas diretamente pelos cenários socioculturais na formação de gênero e subjetividade.

4.3 SEXO E SEXUALIDADE: DESEJOS PRODUZIDOS

Pelo exposto acima, faz-se necessário discutirmos sexo e sexualidade e os desejos que vão sendo produzidos pelas mulheres no decorrer da sua existência, para sabermos o quanto essa mulher já reconhece o que está de fato relacionado aos seus desejos mais íntimos.

Assim, como foi discutido anteriormente, quando pensamos em sexo já se pensa em gênero, como se o gênero fosse um sinônimo da palavra sexo, mas a diferença é que o gênero é determinado pelo social, cultural e que se esta determinada historicamente, já o sexo é o questão física e biológica (Grossi, 2012). A diferenciação entre sexo e gênero, entretanto,

[...] é motivo de debate constante. Também é complicada a distinção entre sexo e sexualidade, sendo esta última, com frequência, reduzida às práticas sexuais [...] a sexualidade constitui um dispositivo que “fala” a verdade sobre o sujeito, é posta como foco das relações de forças empreendidas pelas “ciências humanas”, e o sexo seria algo da esfera privada. Se o gênero buscou, como categoria, superar o viés organicista da categoria sexo, por outro lado, as discussões mais recentes que argumentam que o próprio sexo é construído culturalmente colocam em xeque a diferenciação simplista que articula sexo à biologia e gênero à cultura. (TONELI, 2008 p.66 e 67).

Sendo assim, para Muhi (2011), o sexo só se refere à liberdade da sensualidade, ao prazer e sensações físicas, ou seja, um fato fisiológico.

Dessa forma, a mulher atual define o sexo, como algo prazeroso em sua identidade. Mas, ainda sofre com casos de inibição desses assuntos, e por esses fatores as disfunções sexuais femininas ainda deixam de ser diagnosticadas. (BRÊTAS, 2011).

Entende-se a sexualidade como uma energia que nos motiva, que interfere no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados ao ponto de influenciar os pensamentos, sentimentos, ações e interações e dessa forma influência a nossa saúde física e mental, assim como é considerada pela Organização Mundial de Saúde – OMS (2001). World Health Organization (2002) comenta que a sexualidade é um dos indicadores de qualidade de vida. Onde influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a saúde física e mental.

Sendo assim, a saúde sexual é a relação dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais, de maneira, que influência direta positiva na personalidade e a capacidade de comunicação com outras pessoas.

Se saúde é um direito fundamental humano, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano. É diante dessa imagem feminina que a mulher deve se conhecer e se respeitar para desenvolver de forma saudável e prazerosa a sua sexualidade.

Segundo Costa e Fernandes (2012) a forma de cuidar do corpo é também vista como uma conjuntura sócio-histórico-cultural, onde muitas dessas representações vem de tempos antigos e que foram aceitos pelos grupos como forma de agir e preceder.

As representações sociais não são um modo independente de pensar, elas nos são impostas com a socialização, restando ao sujeito repensar, recitar e rerepresentar esses fenômenos que são essencialmente uma marca social. (COSTA; FERNANDES, 2012, p. 393).

Observa-se que hoje as mulheres valorizam mais os laços afetivos, como os termos companheirismo e carinho. Para representar o amor e o sexo, elas vinculam aos sentimentos. Já os homens utilizam-se para simbolizar este sentimento a palavra desejo vinculando ao sexo, à satisfação.

As mulheres representam o sexo como uma ação pautada em sentimentos, cumplicidade e carinho, enquanto para os homens, o sexo é representado pelas categorias gênero, relação e orgia. (COSTA; FERNANDES, 2012, p. 398).

Quando observarmos a forma como os afetos são associados à sexualidade e como são tratados, constata-se que, mesmo nos dias atuais, refletem emoções confusas, desestabilizando- os e provocando resistências as mulheres.

[...] não se trata da busca de um reencontro com um eu bem definido, plenamente constituído, oculto nos arcanos do coração, mas de uma experiência de liberdade nessa atividade transformadora da escrita sobre si mesma. (SOUZA, SABATINE e MAGALHÃES, 2011, p. 67).

Não nos preocupa-se aqui em falar das diferenças, mas, sim, da preocupação dos saberes e significados construídos sobre sexualidade e com todas suas relações com os significados.

Contudo, nesse ponto de vista está em questão o desfazer de barreiras que foram estabelecidas por pensamentos, emoções e subjetividade, para a construção de uma nova compreensão das culturas. (SOUZA, SABATINE e MAGALHÃES, 2011).

Esses apontamentos trazem o entendimento que a Educação Sexual seja qual for à origem de sua formação, é enraizada, historicamente, e direcionada por uma forma de saber desenvolvida.

Neste sentido, remete-se aos autores Valença, Filho e Germano (2010) quando retratam que no decorrer da história da humanidade, as mulheres desempenharam múltiplos papéis sociais, entre ser mãe, ser esposa, ter aparência saudável e ser atraente para o sexo. Os autores expressam que “Muitos desses padrões de visão de corpo e sexualidade feminina ainda podem estar presentes (...) na percepção da atual mulher”. (VALENÇA; FILHO; GERMANO, 2010, p.277).

Demétrio (2008) conclui que a cultura que norteia comportamentos não é diferente em relação aos comportamentos sexuais. As mulheres entram na vida sexual dirigidas pelas imposições da cultura que elas estão inseridas, como ideais de quais são os comportamentos cabíveis. Desse modo, as práticas sexuais são diferentes para cada sociedade e época, pois a partir de um dado sócio-cultural a sexualidade possui significados distintos. Colocam as mulheres em uma posição de que são criadas para terem boas maneiras e controlar-se diante das suas vontades. O prazer aparece censurado acabando por transmitir medo, pois as mulheres são preparadas para negá-lo. E foi, nesta época, que a igreja católica começou a se preocupar em permitir a mulher a ter direitos de se posicionar perante a sociedade. As dúvidas sobre sexo na maioria das vezes eram ignoradas e, as ideias do desejo muitas vezes eram visto pelas mulheres como pecaminoso.

Vieira (2005) complementa ao dizer que as mulheres podem aprender formas menos ortodoxas dos comportamentos sociais, desde que o contexto sociocultural lhes permita ter esta aprendizagem.

Figueiró (2009) traz esta questão retratada acima dizendo que a sexualidade se estabelece como uma produção de um dispositivo de acontecimentos históricos, culturais e subjetivos que virão a ser as linguagens, práticas e representações, do conhecimento sobre sexualidade e vai sendo produzido em muitos espaços e instâncias culturais, não por imitação e repetição de caráter biológico e sim por tensões permanentes que conduzem as interpretações.

O conhecimento sobre a sexualidade, portanto, não se deve ter por finalidade a formação de valores nem direcionar como único entendimento seja ele, de qualquer tipo como: biológico, religioso ou subjetivo. A Sexualidade,

[...] ganha novos significados quando esse percorre diversas outras posições e cenários que envolvem posições políticas, sociais, institucionais e pessoais, muitas vezes não exploradas quando se visualiza a construção do cotidiano e as possibilidades de desestabilizar identidades e discursos dominantes. (CARVALHO, 2002, p. 17 apud FIGUEIRÓ, 2009, p.9).

Diante dessa imagem que foi construída, a mulher busca se conhecer e se respeitar para desenvolver de forma saudável e prazerosa a sua sexualidade. Costa e Fernandes (2012, p.392) dizem ser “(...) a sexualidade é um dos aspectos mais importantes, pois, está presente em todas as etapas da vida”.

Já Vieira (2005), embora a crença e a conduta de cada sujeito tenham seguimentos socioculturais, a atuação é única é nesta atuação que se requer escolher um objeto que seja um fator de satisfação. Souza, Sabatine e Magalhães (2011) aprofunda a discussão quando defende que a sexualidade deve centrar-se nos discursos do desejo, explorando as palavras, linguagem e símbolos de seus anseios.

Diante desses apontamentos percebe-se que o prazer sexual quando aliado com a interação com o outro, faz com que exista uma libertação na área sexual na expansão dos seus limites, transformando os conceitos de suas ações em domínios sexuais. Pontuações essas que são trazidas por Dias (2007) ao concordar quando diz que a sexualidade humana não é da ordem da natureza, mas, um efeito de fala. É resultado das operações com significantes impostos pela linguagem e pela cultura.

Parafrazeando Louro (2007, p.204), “As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura”.

Dessa forma, quando observarmos a forma como os afetos são associados à sexualidade e como são tratados, constata-se que, mesmo nos dias atuais, eles refletem emoções confusas, desestabilizando-os e provocando resistências as mulheres.

A sexualidade da qual falamos hoje, apesar de sua aparência de consistência, é uma invenção moderna. [...] é o resultado [...] dos discursos sábios (psicanalíticos médicos, psicológicos) [...] e das regras e imperativos dos poderes que estabelecem (religioso, judicial, médico, pedagógico); e, finalmente também resultado do sentido e do valor de cada um, de sua conduta, da série de deveres que adota, dos prazeres que conhece ou aos quais aspira seus sentimentos, seus sonhos. Assim a série de práticas humanas que materializa nos corpos, não existe de maneira natural. Não é algo com o que se nasce não pertence, portanto ao corpo – se o considerarmos como algo dado no nascimento. A sexualidade não é o sexo e sim é um modo de ser que se incorpora a um corpo mediante as práticas. A homossexualidade e a heterossexualidade são incorporais, não formam parte da natureza humana, são modos de ser que pertencem à nossa cultura atual. (DALL’AGNOL, 2003, p. 29).

Vieira (2005) contribui ao dizer que certo determinismo histórico cultural constrói os papéis sexuais mesmo quando se almeja lutar contra, pois certos tabus são cristalizados nesses sentidos e com muito rigor, voltados ao gênero feminino e a sua sexualidade. Por essas razões, são tão difíceis e lentas as mudanças sociais referentes à identidade das mulheres, pois cada mudança vai ao longo dos processos históricos (re) significando preconceitos e crenças, que estão solidificados no meio da sociedade. A autora frisa que “(...) a sociedade constrói, então não só uma identidade social, mas também uma sexual (...)”. (VIEIRA: 2005, p.222).

Nesse sentido, Figueiró (2009) contribui ao relata sobre a historiografia da Educação Sexual no Brasil que onde desde o início do século XX, já houve dedicação de médicos, educadores e sacerdotes no estudo e difusão de obras sobre sexualidade, sexologia e educação sexual, além do debruçar de antropólogos na compreensão das atitudes e comportamentos sexuais. Nesta época buscou-se descrever como o sexo e a sexualidade estão incorporados nas ciências e como os saberes sexuais foram institucionalizados no Brasil, vindo a constituir tema de debates e reflexões.

O que propiciou hoje a possibilidade de assegurar que a sexualidade humana não é uma mera questão e sim um fato concreto, ela é de ordem da natureza que se resultam dos significados impostos pela cultura, pois a sexualidade se sintetiza entre dois sexos, não propriamente de gêneros diferentes.

Freud produz uma ruptura com o determinismo biológico, demonstrando que a principal característica da sexualidade humana é ser polimorfa, ou seja, não ter um objeto sexual predeterminado geneticamente (o objeto de satisfação da pulsão sexual pode ser qualquer um). (DIAS; 2007, p.63).

Se fez necessário discorrer sobre o que é considerado gozo e prazer, pois os mesmo nem sempre são compreendidos com a sua importância, vale lembrar que nem tudo que se goza nos é prazeroso. Ressaltar a tamanha importância que os dois trazem a vida de uma mulher, a pulsão pelo prazer não necessita necessariamente de ser o outro como objeto. Vive-se em um mundo onde as mulheres já buscam respeitar suas próprias fantasias, o que não se aplica a todas as mulheres, pois inúmeras delas ainda vivem no mundo de dogmas que estão cristalizados na sociedade e em si.

As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura. (LOURO; 2007, p. 204).

A sexualidade move-se em mais que meros dois corpos, porque neles estão envolvidas as fantasias, valores, linguagens, comportamentos postos ou até mesmo mobilizados por emoções para expressar desejos e prazeres. A questão aqui não é saber de onde vem e para onde vai, mas como ela acontece e como acontece. (Louro, 2007).

[...] Esta tendência de explicar fenômenos humanos em termos biológicos é muito forte quando falamos de sexualidade, e definem, muitas vezes, nossos entendimentos acerca das categorias como corpo, sexo, gênero e papéis sexuais. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 02).

Observa-se que é mais do que um problema de atitude, são questões de enraizamento que se constitui nas instituições, normas, discursos, e práticas que dão sentido a uma sociedade. Sendo relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade, sobre os modos como

se regulam se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres.

Deste modo, a frustração e a dor, afeto vinculados à falta, não são hoje reconhecidos como constitutivos do percurso rumo aos ideais de prazer e alegrias, mas passam a ser indicadores de insuficiência do indivíduo contemporâneo. (PARAVIDINI et al., 2008, p. 201).

Diante disto, sabe-se o quanto é difícil conviver dentro de um sistema que discriminam a sua forma de ser e expressar seus desejos e prazeres por não correspondem ao que as de leis, normas, sejam elas morais, educacionais, religiosas ou jurídicas nomeiam como "normais". (OLIVEIRA 2009).

4.4 OS DESAFIOS DA PSICOLOGIA ACERCA DO DESEJO

A sexualidade bem como o sexo, são assuntos que tem trazido muitas discussões no bojo da ciência psicológica. Muitas discussões, debates, publicações, resoluções e outros têm encorpado a necessidade de ampliação da Psicologia enquanto ciência e profissão acerca dessa temática. Como pode ser percebida nos apontamentos teóricos expostos neste estudo, a religião continua exercendo forte influência na sexualidade humana, principalmente na sexualidade da mulher. Percebe-se o quanto a religião tem se apropriado, por vezes, da Psicologia para dar cientificidade a algo não científico. Ressalta-se que a Psicologia também não deve apropriar-se da religião como preconizado no código de ética Profissional em seu artigo Art. 2º.

A Psicologia ampliou o campo teórico através das discussões a respeito dessa temática, no entanto, ainda é um desafio falar, ouvir, e aceitar a sexualidade e o sexo enquanto diferença de desejos, prazer e gozo. Como Detoni et al., (2011), retratam ao falar sobre a heteronormatividade. Para os autores a construção de corpo a partir de uma visão não heteronormativa para alguns psicólogos é

compreensível e para outros são reconhecidos como de falha humana ou trauma, que se construí no discurso de um contexto sobre a sexualidade.

Dessa forma, precisa-se entender que:

O psicólogo clínico é, inversamente, o agente que possibilita reflexões sobre os assentamentos socioculturais constituidores do cliente – inclusive, se for o caso, os religiosos. Não é o profissional de Psicologia quem vai dar a régua moral que oriente para onde deve tender a mudança e, assim, a superação do sofrimento. (CFP, 2011, p.33).

Neste momento, fica respaldado pelo Conselho de Ética que vem firmando sobre a postura que, psicólogos, devem manter na prática “Psi”. Assim, cabe neste momento trazer a luz uma pequena parte do Código de Ética do profissional de Psicologia (Resolução CFP nº 10/2005) em relação a esta questão abarcada e discutida neste estudo, regulamenta que:

- I O psicólogo baseara o seu trabalho no respeito e na promoção de liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiados nos valores que embasam a Declaração Universal dos direitos humanos.
- II O psicólogo trabalhara visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
- III O psicólogo atuara com responsabilidade social, analisando critica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural. (Resolução CFP nº 10/2005).

Não obstante, o sexo e sexualidade no saber “psi”, não fica restrito às questões heteronormativas, mas também às questões de gênero. Em outras palavras, a Psicologia ampliou o campo teórico desnaturalizando a sexualidade normativa, mas também a possibilitou teoricamente e enquanto atuação, o empoderamento da mulher em relação ao seu corpo e ao seu desejo.

A autotransformação do sujeito só ocorre mediante as práticas do seu trabalho do que lhe acontece, do dizer o que se passa e o que a experiência com o outro incomoda em uma relação, mediante a sua intervenção e sua enunciação. Souza, Sabatine e Magalhães (2011) afirma que para ele a linguagem que envolve a relação com o outro não pode ser entendida como apenas uma busca para modificar o discurso de acordo com o contexto, pois é dito através de suposição da representação, cognição e transmissão, o que possibilita pensar e produzir as compreensões distintas entre um e o outro, assim sendo a transformação de si.

O grande desafio é superar a cultura, uma tarefa que passa pela mudança na educação, nas instituições e na mídia. As famílias continuam a ensinar as filhas a brincar de casinha e os meninos, de carrinho e bola. Os papéis tradicionais ainda são apregoados e vistos como normais.

Parece-me muito preocupante que na cultura do descartável, que através das práticas do consumo, do individualismo, da permanente estimulação, consolida uma modalidade existencial que privilegia muito mais as vias de gozo do que as de significação, os destinos possíveis para o feminino recaiam: nesse entregar-se ao outro como objeto que, no limite, beira a degradação e uma absurda anulação da condição de sujeito.

Na relação com o próprio corpo onde, o corpo se torna outro. Por essa via, novas manifestações sintomáticas (obesidade mórbida, anorexia e bulimia, dependências químicas, dor crônica) e nas absurdas e ilimitadas intervenções que a tecnologia dispõe para executar mudanças sobre o corpo feminino: implantes de silicone, lipoaspiração, técnicas para esticar a pele, grampeamento do estômago, técnicas de reprodução assistida etc. (DIAS, 2007).

O mais preocupante ainda é constatar que ambos os caminhos levam à morte: morte do desejo, morte da condição de sujeito, morte social, morte simbólica e, em última instância, morte física.

Dias (2007) conclui que a mulher é um ser vulnerável, complexa e multifacetada, mas certamente se não forem levadas em conta essas dimensões da sua subjetividade, sobre o "ser mulher", não há como conseguir ajudar nossas clientes em relação às questões afetivas e sexuais, ao desejo e ao gozo.

E é justamente essa relação entre gozo e desejo que torna impossível a relação entre os sexos. Ou seja, não há uma relação de complementaridade ligando homens e mulheres. Não existe uma atração automática pelo sexo oposto. Ainda que pela via do sexual, um sujeito só pode ter acesso ao seu próprio gozo, não há como gozar, se apropriar do corpo do Outro. Este princípio de heterogeneidade irreduzível caracteriza o ato sexual como um encontro sempre faltoso e o prazer [...]. (DIAS, 2007, p. 65).

A vida sexual produz intensa inquietação para a Psicologia, pois implica em termos patológicos e morais. A sociedade prefere justificar seus atos a buscar seus direitos em relação ao prazer.

Trata-se de uma rede trançada por um conjunto de práticas, discursos e técnicas de estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres e formação de conhecimentos. (CIRINO, 2007, p. 81).

CIRINO (2008) fala que poder é parte inseparável de todas as relações, com seus efeitos e causas, mesmo quando encontramos neste poder, uma relação de produção, como nas relações familiares, sexuais, hierárquicas entre outros, que nos permite compreender como ela acontece em cada momento. Pois o poder adentra nas questões de gênero e sexualidade.

Quando se fala de gênero e sexualidade, o poder e a diferença são questões repetitivas, pois o processo de constituição da prática sexual como normal (prática está compulsória adotada por todos) e de práticas desviantes ou anormais dar-se por meio de poder. (CFP, 2011).

[...] diferenciação entre SEXO e GÊNERO, constatam que a polaridade feminino/masculino depende de uma auto-imagem psicológica e de uma autodesignação pela criança como sendo de um sexo ou outro, nomeação esta altamente influenciada pela atribuição sexual recebida do meio. (DIAS, 2007, p. 63).

Pode-se perceber que existem forças entre os saberes psicológicos, sociais e médicos. Onde se encontra claramente a construção social da sexualidade e de sua manifestação como interesse da própria verdade. O sexo é colocado como um regulamento de poder nomear o interior de um indivíduo.

A Psicologia surge aqui, direcionando-se para a psicofísica e para pesquisas sobre as reações dos sistemas sensoriais – incluindo a excitação sexual e as chamadas “respostas sexuais”. O que se pode observar de diferenciação com relação ao século anterior é uma maior separação entre a sexualidade e a reprodução. No entanto, por outra via, há uma aproximação maior da sexualidade com a moralidade. (TONELI; 2008, p.64).

A sexualidade varia de acordo com suas limitações e de um modo que se segue. Ela associa-se intrinsecamente à família ou às redes de parentesco e é refletida como característica da subjetividade ou da identidade individual e social. E concebida como representações, atividades, comportamentos ou desejos. Todas essas possibilidades permeiam no campo da Psicologia. “a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” (TONELI, 2008 p. 65).

O poder que estabelece e é restabelecido pelos exercícios psicológicos, deve ser entendido como múltiplas relações que cruzam e se mantêm através de estratégias e procedimentos que vão dando direcionamento da conduta. Portanto, o lugar da Psicologia é de entender que sempre há algo que governa na contemporaneidade, o que implica em compreender como as relações de poder podem produzir indivíduos, a Psicologia da mesma maneira pode constituir na heterogeneidade saberes e práticas que da finalidade aos indivíduos que a buscam.

Assim, tem se mostrado necessário reinventar uma Psicologia que permita contribuir e responder a esta nova cidadania que se efetiva a partir do reconhecimento das múltiplas formas de discriminação, ou seja: de classe, cor, sexo, sexualidade, identidade de gênero, etnia, religião, origem social, para as quais as/os profissionais não têm formação, uma vez que foram formadas/os para trabalhar com uma individualidade abstrata e isolada do contexto social. (DETONI et. al., 2011 p. 282).

CONCLUSÃO

Diante de todo o estudo acerca-se até aqui, as conquistas da mulher seus direitos e a igualdade desejada. Mas, ainda há um questionamento se neste momento, a mulher atual consegue defender tudo que se refere aos seus desejos mais íntimos? Esta indagação esta de acordo com o objetivo geral deste estudo que é compreender os desejos e desafios da sexualidade feminina na contemporaneidade.

Para isto, pode-se perceber nas discussões anteriores, que no decorrer de décadas, as transformações do universo feminino para chegar à atualidade; a sexualidade surgiu abruptamente na contemporaneidade, foi sendo constituída através de uma subjetividade desde o nascimento. (SOUZA, SANTOS E SILVA. 2009).

Já na modernidade falar em sexualidade, onde os relacionamentos amorosos se diferenciam do casamento tradicional cristão, menciona-se a concepção de amor e relacionamento puro, dos quais o sexo é fundamental nos relacionamentos, onde as mulheres buscam e priorizam o prazer sexual, assim exprime Demétrio (2008).

Nos estudos de Vieira (p. 219, 2005) no Séc. XXI, a contemporaneidade é responsável pelas mudanças “Frente às questões sexuais do passado, a representação e a anulação da mulher foram substituídas pela libertação e pela independência dos dias atuais”. Com isso foi constituindo-se a identidade feminina, mesmo sendo submissas a momentos históricos, abrigando experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitiram a construção social da subjetividade da mulher.

Atualmente, a liberdade que a mulher tem sobre si mesma, que agora se aplica a homens e mulheres, como sendo uma liberdade que se constrói a partir de normas e papéis sexuais não fechados e definitivos.

Souza, Sabatine e Magalhães (2011) permite constatar a construção de novos valores éticos e de novas práticas políticas e subjetivas, na atualidade, persistindo na importância do conceito de “dispositivo da sexualidade” para percebermos as estratégias disciplinares e os jogos de poder que fazem parte do sistema sexo/gênero desta Modernidade.

É preciso reconhecer que ainda existem mulheres que mesmo gozando se faz objeto ao gozo, desejo e prazer do outro, sem lembrar-se dos seus direitos já conquistados, de ter o poder de requerer sentir desejo e acima de tudo o prazer, que ainda muitas mulheres anulam de sua vida.

Tudo isso auxilia na formação das mulheres e representa o desejo de que as elas continuem a lutar e alcançar maior empoderamento, respeito e dignidade.

Diante das novas mudanças sociais a Psicologia se vê desafiada a buscar visão mais ampla, pois implica em compreender como as relações de poder podem construir novos indivíduos. E para haver essa ampliação se faz necessária redimensionar a Psicologia para a construção de um estudo que se propõe a trabalhar práticas e reflexões, seja, sobre o comportamento e desejo seja sobre as relações sociais.

Portanto vê-se as novas formas de fazer “psi” são colocadas em constantes desafios, pois possibilitam e permitem ao psicólogo reconhecer e perceber que ele constrói, reproduz e transforma indivíduos.

O conjunto de saberes articulados que definiram a configuração da Psicologia como disciplina, ao longo de sua história, tomou a questão da sexualidade como parte integrante da constituição da subjetividade. Os estudos relacionados às concepções que deram forma às teorias feministas vêm redimensionando as práticas e saberes que tomam a sexualidade como objeto, tornando possíveis novas possibilidades para o trabalho do/a psicólogo/a [...]. (DETONI et. al., 2011, p 290).

São muitos os desafios para a Psicologia da contemporaneidade, é o desafio de trazer a questão de pensar como aprender as coisas, de onde vem essa aprendizagem, como vem de qual cultura se está falando, pois partindo daí poder entender sobre as questões de identidades, gênero e subjetividade.

Diante do exposto, buscando uma promoção da Psicologia para uma Política Queer- que significa uma prática de vida que não aceita as normas socialmente impostas como corretas e sim de um Devir, que significa vir a ser, tornar-se, em outras palavras, algo que esta em constantes mudanças e alterações. Assim, buscase hoje um crescimento psicossocial e cultural dos indivíduos, sem seus julgamentos, normatividades e estigmas, dessa forma rompendo com dogmas e paradigmas impostos pela sociedade durante séculos, em particular, neste estudo, ao sexo, a sexualidade, ao gênero, aos desejos e prazeres, que impedia o direito do

indivíduo fazer suas escolhas em relação ao seu eu, como evidenciado nos capítulos 1 e 2 deste trabalho.

Entende-se

[...] que é o desafio que a Psicologia tem de articular a questão da subjetividade social e individual, ou seja, essas concepções, esse imaginário que está impregnado em todos os membros de um grupo e ou sociedade, e ao mesmo tempo, o processo pessoal, singular de cada um, nós [humanos]. (CFP. 2011, p. 201).

Através deste sucinto estudo, entende-se que se trata de considerações finais e não conclusão, pois não há como concluir algo que ainda se está em constante busca para obter o que se deseja. Que é a mulher reconhecer-se como um ser de direitos, não restritos as questões indenitárias, igualitária e de reconhecimento, e sim de reconhecimento os seus anseios mais íntimos, respeitando os desejos, gozo e prazer. No bojo, a prática psicológica trabalha com os sentimentos raros, que virão a ser ditos, sentidos e revividos na “Práxis Psi”, devemos, portanto levar o indivíduo a refletir sobre suas decisões, escolhas e atitudes, almejando, portanto, propiciar o empoderamento a cada um sobre si.

É diante desta realidade que o estudo tende contribuir para uma promoção de saúde da área da psicologia, pois ao desenvolver o tema nos tornamos agentes multiplicadores para as diversas áreas afins. Acredita-se que tais resultados imprimem um novo convite prático e teórico para o psicólogo que veio a integrar a equipe de saúde.

REFERÊNCIAS

A construção do social do ser humano o sexo construindo e destruindo relações. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2011/06/30/a-constru-o-social-do-ser-humano-o-sexo-construindo-e-destruindo-rela-es/>.

A diferenciação do sexual e a lei e o desejo. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2008/04/21/a-diferencia-o-sexual-a-lei-e-o-desejo/>.

BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. (Org.) **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPia; 2011. 434p.

BRETAS, J. R. S. **Sexualidades**. São Paulo: All Print Editora, 2011. 200p.

Breve história do feminismo. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2006/01/25/breve-hist-ria-do-feminino/>.

BORGES, A.; ALVIM, C; CAJAZEIRO, D. Um Século de Lutas com mais Mulheres no Poder. **Rev. Elas por Elas**. Minas Gerais, 2010.

CIRINO, O. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**. Barbacena: n. 8, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. 1 ed. Brasília: CFP, 2011. 201p.

_____. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília: CFP, 2005

COSTA, V.; FERNANDES, S. C. S. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Rev. Psicologia e Sociedade**. [S.l.], v.24, n.2, 2012.

CRUZ, V. O. Feminino: a construção histórica do papel social da mulher. **XVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento Histórico e Dialogo social. Natal RN. 2013.

DALL'AGNOL, R. S. A sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida? **Revista de Psicologia da Vetor Editora**. Porto Alegre: v. 4, n. 2, 2003.

DEMETRIO, H. R. **O significado da sexualidade para mulheres jovens**. 2008. 63p. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008/2008.

DETONI, P. P.; MARQUES, D. M.; SOARES, L. V. e NARDI, H. C. As formas do "fazer psi" e a constituição das políticas públicas associadas à diversidade sexual. **Rev. psicologia. política.**, São Paulo , v. 11, n. 22, dez. 2011 .
DIAS, E. A. C. Amor des-medido: a sexualidade feminina entre o desejo e o gozo. **Psicologia Hospitalar**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2007.

D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas psicologia**. Ribeirão Preto, v.5, n.3, dez. 1997.

FLEURY, H. J; ABDO C. H. N. Aspectos diagnósticos e terapêuticos das disfunções sexuais femininas. **Rev. Psiq. Clín.** [S.l.]: v.33, n.3; 2006.

FIGUERÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. 208p.

_____, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009, 190p.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 44 p.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC, 1998. 4p.

World, Health Organization. Gender and reproductive rights Glossary. [On line] Geneva: World Health Organization; 2002.

JACQUES, M. G. C. STREY, M. N.; BERNARDES, N. M. G.; GUAROSHI, P. A.; CARLOS, S. A.; FONSECA, T. M. G. **Psicologia social contemporânea**. 12 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, 158-197p.

JOVIANO, L. H. S. Escrita e subjetividade feminina: um mundo de papel e tinta construído no diário de Helena Morley. **Revista de Artes e Subjetividade**. [S.I.]: n. 6, 2010.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: n. 46, 2007.

MALUF, M.; MOTT, M. L. **Recônditos no mundo feminino**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 62p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2006, 44p.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 33, 2º sem. de 2011, pp. 95-118.

OLIVEIRA, L. S. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. **Civilização e Contemporaneidade**. Recife: 2009.

OLIVEIRA, K. R. **Programa Nacional de Apoio à Pesquisa**. [S.I.]: FBN, 2009. 74p.

PARAVIDINI, J. L. L.; ROCHA, T. H. R.; PERFEITO, H. C. C. S.; CAMPOS, A. F.; DIAS, A. G. Nascimento psíquico e contemporaneidade: implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VIII – Nº 1 – p. 195-224 – mar/2008.

PRADO, Alberto Luiz. A História da Luta da Mulher. Cidadania. Multi Rio. Disponível. http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100:a-origem-do-dia-internacional-da-mulher&catid=33:cidadania&Itemid=331.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Gênero e movimentos sociais**. Londrina, 2010.

ROHDEN, F. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: n. 17, 2002.

_____, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, 2008.

ROSS, R. Dia da Mulher, Historia de Lutas e Conquistas. Jornal do Comercio. Paraná 2013.

SANTOS, J. B. NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS: FEMINISMO E A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 9, p. 81-91, Fevereiro/2011.

Sexualidade e reflexos sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2009/06/24/sexualidade-reflex-es-sobre-relacionamentos-amorosos-na-contemporaneidade/>.

Sexualidade feminina aspectos culturais da repressão sexual e suas conseqüências. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2011/03/26/sexualidade-feminina-aspectos-culturais-da-repress-o-sexual-e-suas-consequencias/>.

SILVA, G. C. C. SANTOS, L. M.; TEIXEIRA, L. A.; LUSTOSA, M. A.; COUTO, S. C. R.; VICENTE T. A.; PAGOTTO, V. P. F. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista SBPH**. Rio de Janeiro: v.8, n.2, 2005.

SOUZA, L. A. G. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados**. [S.l], v.18, n.77-95, 2004.

SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (Org.) **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011. 218p.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na história: a mulher na escola** (Brasil: 1549 – 1910). Programa de pós-graduação em educação – UFRN. 2012.

TONELI, M. J. F. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da Psicologia e dos direitos humanos. **Psic. Clin.** Rio de Janeiro: v. 20, n. 2, 2008.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto e Contexto - Enfermagem**. Florianópolis: v. 17, n.3, 2008.

VALENÇA, C. N.; FILHO, J. M. N.; GERMANO, R. M. Mulher no Climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. **Saúde Soc**. São Paulo, v. 19, n. 2, 2010.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **D.E.L.T.** Brasília, v. 21, 2005.

APÊNDICE